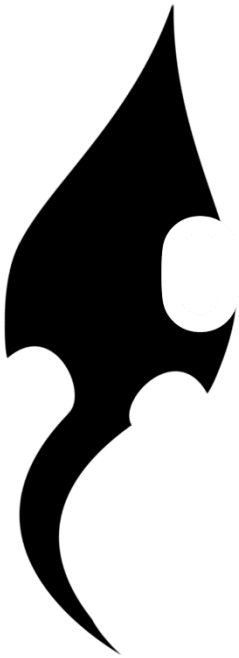
O PÁSSARO E O JAGUAR



CANÇÕES DA BANDA CASINOQUEBEC

editora fantaxma

Edição, diagramação e distribuição:
editora fantaxma
CAXIAS, MARANHÃO, FIM DE 2019

O PÁSSARO E O JAGUAR

CANÇÕES DA BANDA CASINOQUEBEC

editora fantaxma

Sumário

Todas as histórias são inventadas 6
Nosso tabuleiro de gratidões 11
A propósito, ... 12
piada mortal 14
grito mudo 16
olhos de outubro 18
todo mundo quer ser deus 20
desejo ardente 22
visagem 24
o pássaro em seu voo 26
paladar 28
diazepam 30
jaguar 32
teu amor 34
jardim de ossos 36
Os guerrilheiros do elemento fluido 38

Todas as histórias são inventadas

MEU NOME É ISAAC SOUZA. E eu tenho passado a vida a inventar coisas.

Na infância cheguei a fazer croquis de uma bota com propulsão a ar que me faria voar numa velocidade semelhante a um foguete. A máquina *steampunk* nunca chegou a ser construída, mas não se pode negar que foi inventada.

Mas por mais pitoresca, imaginativa, enfim, *infantil*, que essa ideia pareça, as coisas mais loucas que eu já inventei foram mesmo as histórias.

Histórias em verso ou em prosa. Em linguagem teatral ou científica. Cantadas, faladas ou apontadas com o dedo. Sussurradas maliciosamente para uma garota crédula. Improvisadas – com animais falantes e plantas voadoras – para crianças céticas.

Histórias – isso é do que somos feitos. Contar histórias, isso é o mundo que fazemos.

No final de tudo, restará apenas um velho sentado de costas para a poeira, contando sobre um passado luminoso – metade memória, metade sonho. E, claro, alguém perto dele que, com a narrativa, ele tentará encorajar, acalmar, ensinar, convencer… ou seduzir.

De todas as histórias que inventei, nenhuma se empoderou tanto quanto a **Banda CasinoQuebec**®.

Inventei essa coisa de banda no ano de 2013. Chamei um cara que eu não conhecia e que tocava contrabaixo. Contei a ele sobre uma banda que não existia e o chamei para fazer parte dela. Evidentemente, ele topou. É incrível como as pessoas são capazes de se envolver com coisas que não existem, se essas coisas forem apresentadas como histórias bem contadas. (Relaxa, mãe! Não tô falando de Jesus).

Contei a história a mais um, mais outro, mais outro. Aos poucos a história que eu contava foi ganhando materialidade em nossa própria carne. *Incorporada* em nós, como uma entidade terreiro, que baixa, faz suas danças, profecias e troças e depois volta para a terra dos encantados.

Ela ocupou dias e noites, ocupou espaço em nossas despesas mensais, em nossa agenda semanal, em nossos olhos, palavras e sonhos. Os filhos que não temos já fazem parte da história da Banda CasinoQuebec. Os amores que ninamos, os lugares em que dormimos, cada cerveja que bebemos.

A história entrou em nós, nós entramos nela, misturamos nossa substância como a consciência de Alec Holland fagocitada pelo pântano. Nos tornamos de alguma maneira mágicos, híbridos, como sátiros, sereias e centauros – olhos de tigresa em corpos de súcubo, mulheres com garras de jaguar de pelo branco que monta asas de condor.

E o mais extraordinário é que a Banda CasinoQuebec – história que fazemos, que contamos, que acreditamos e somos – é também uma história capaz de parir histórias.

A prova disso é o *trabalho* que apresentamos ao público em duas formas iniciais: áudio e texto.

Canções são como pessoas que cantam, elas também são seres híbridos: centauros, sátiros, sereias – monstros de sensibilidade com natureza mista de música e poesia, as canções são uma forma de arte única e cheia de delicadezas.

Um instrumentista, um saxofonista, por exemplo, pode perfeitamente recriar uma canção em sua forma plenamente musical, retirando dela o seu estrato de poesia e preenchendo com o som metálico de sua campânula.

A canção não deixa de existir, ela pare uma sombra viva, tão mágica quanto ela própria.

Da mesma maneira, é possível coar a parte verbal das canções e destilá-la para o silêncio da leitura – poesia que guarda em si o eco distante da voz do cantor, mas que, como o eco, não tem nenhuma dependência da origem do grito. O eco não morre, nossos ouvidos que o perdem no infinito.

E sabe o que mais? A canção, tanto em sua forma híbrida quanto em seus desdobramentos exclusivamente musical ou literário, conta histórias. É possível que, se você ouvir uma canção que escrevi, ela conte pra você algo totalmente diferente do que ela contou pra mim.

É que as canções são vivas – místicas e travessas como texugos do Japão. As canções, ao passarem por nós tornam-se outras e tornam-nos outros de nós mesmos – canções são territórios como ilhas flutuantes, como dunas.

Nas próximas páginas: alguns poemas, incontáveis histórias. O que você tem aqui **não é um álbum.** Não é uma antologia, uma coletânea, não é um livro de poesia. Nem um livro isto é. Isto é tão somente mais uma história inventada.

Porque todas as histórias – verdadeiras ou não – são inventadas. É assim com a arte, é assim também com a vida.

Isaac Souza, o Velho Bardo

Nosso tabuleiro de gratidões

ECONOMIZANDO PALAVRAS, para não esvaziar o sentido, a gente vai anotar aqui o nome das pessoas que colaboraram de tantas formas para que nosso mostruário de músicas existisse e, consequentemente, este **não livro.**

Sem ordem de importância e sem qualificadores, a gratidão dos nossos corações

Glayson Lima, Wellyson Mello, Naylton Silva. Johnny Casanova. Matheus Oliveira. Jorge Bastiane. Renato Meneses. Hans Lima, Napoleão Mendes Oriel Wandrass , Brenno Crateus. Jonatan Silva. Pazze e Banda Garagem Nacional, Cayo Cruz, Sid Brito...

A propósito,

A BANDA CASINOQUEBEC é um grupo de rock independente com sede em Caxias/MA (Brasil) formada em 2013.

Escrevendo suas próprias canções, a banda investe numa sonoridade com fundamento no blues, agregando livremente elementos de outras linguagens musicais.

Artisticamente, assume postura combativa: a qualidade estética da música, poesia e plástica são inegociáveis. Por esta razão, tem extrapolado os palcos de casas noturnas e atingido importantes eventos culturais em sua área de atuação.

Além disso, em setembro de 2017, a banda detonou o movimento Sociedade do Rock, que reúne em um coletivo de músicos e artistas de outras linguagens, produtores e entusiastas de rock com o objetivo de fortalecer o cenário, incentivar produções e formar público.

O PÁSSARO E O JAGUAR

CANÇÕES DA BANDA CASINOQUEBEC

piada mortal

Isaac Souza

nas cores da tua boca pequenina
eu vejo a sina de um palhaço sedutor
que quer dançar no fogo dos teus beijos
e sacrilégios cometer por teu amor
nas noites mascaradas da loucura
como em tortura
estremecer ao toque da tua mão
e num sorriso rouco de agonia
transformar em poesia
os estertores da paixão

a leveza do teu corpo estreito

sobre o meu leito é um delírio que não sei narrar
heiro da tua pele ardendo em brasa
terceira asa em cuja fúria eu quero voar
olhos inocentes de criança
pequenas tranças,
um sussurro tênue de animal
um conto de paixão e serpentina
eu pierrô tu columbina
nossa história sem final (nosso amor de carnaval)

porque ficar tão sério?
o amor é um mistério
uma piada mortal para quem não sorri.

grito mudo

Isaac Souza

já conversei com o travesseiro
pedi conselho pros lençóis
falei com deus e de joelhos
criei olheira só pensando em nós

botei perfumes na penteadeira
(pra você)
eu esperei você voltar
eu te perdi mas não te esqueço
errei contigo mas sempre vou te amar

de manhãzinha eu te procuro
e no escuro tento te encontrar
tenho lembranças do teu futuro
menina eu juro pelo teu olhar

e o mundo se o teu amor é tão soturno
(ai meu deus!)
eu quero te reconquistar
escuta então meu grito mudo
que em melodia rasga o peito a te chamar

pela janela do meu quarto
derramei o meu poema
e o vento vai levar
essa saudade essa paixão
essa tristeza esse problema
essa canção pra te buscar

menina eu parei no tempo... sem você
menina eu parei no tempo

olhos de outubro

Isaac Souza

um velho pajé de uma tribo extinta
me disse que já viu a morte em muitas faces
mas nem uma delas é tão perigosa
quanto a da mulher que nasceu
com os olhos de outubro
olhos de desejo e de condenação

ela sabe se esgueirar por palavras tortas
e nos beijos que ela dá há um prazer maldito
estrelas ela sabe ler perfume de rosa ela tem
feitiços antigos na alma
e no peito o medo de amar
destila o veneno de um escorpião

porém um rapaz tolo e distraído
na encosta do morro cruzou com seu destino
ela atraiu-lhe o olhar aqueceu seu sangue
e enquanto a cidade acendia
suas luzes ela cravou
naquele peito menino seu mortal ferrão

e enquanto ela sorria
em agonia ele cantou
uma última poesia
sobre os perigos do amor

dos olhos de outubro ele não escapou

todo mundo quer ser deus

Renato Meneses

todo mundo quer ser deus
galileu em linguagem matemática
com hitler got mit uns
até bakunin ao negá-lo

por quinze minutos warhol
bita do barão
pensa-se mormente o flagelo
fernandinho beira-mar

padre vieira sempre soberbo
também os caetés
ao comerem o bispo sardinha

dalila ao subtrair as forças de sansão
ademais amin
que mastigava suas semelhanças

notadamente ao descansar da pugna
no domingo deus quebrou o espelho

desejo ardente

Jorge Bastiani

passar passei a te procurar
amar nem sei como recitar
e só fizemos de conta
que nossa conta era só no bar

passamos por ruas escuras
cheias de curvas
conturbadas e assustadoras

mas veio um desejo ardente
um beijo quente tão envolvente
de tempos tortos

que por momentos lembravam amores
e tu como fada vagavas
pelo jardim sem um capim

visagem

Isaac Souza

ela é feita da terra e do sol
é do interior do sertão
ela tem os joelhos pequenos
e os pés de mina no chão

ela é índia ela é negra é cigana
é mestiça é fruta tropical
sua língua seu peito sua chama
afrodite de argila morena de sal

em correias de couro ela envolve
ela chove o calor da paixão
sua língua é segredo que eu guardo
nos beiços e beijos na escuridão

há poesia nos olhos que queimam
tatuagem de unha e prazer
sua imagem na minha cabeça não para
imagem no espelho a evanescer

o amor é visagem mas eu acredito
porque eu vejo a imagem
porque eu toco eu sinto

o amor é visagem mas meu aconteceu
e isso não é miragem
isso é ela e eu

o pássaro em seu voo

Isaac Souza

eu sinto cheiro de panela queimando
tem muita cama precisando esquentar
tanto repórter do meu cotidiano
que devem até passar fome

e não têm tempo pra amar

quem fala muito não vê utilidade
pra sua língua além de fazer o mal
mas quem é bom e é maior de idade
prefere calar a boca

e fazer sexo oral

e enquanto falam de nós
a gente fazer amor

serpente não pode envenenar
o pássaro em seu voo

paladar

Isaac Souza

menina são tão doces os teus lábios
menina é tão doce o teu olhar
menina é tão doce o cheiro dos teus cabelos
menina é tão doce a tua voz
é doce até teu jeito de ficar amargurada
tu és doce antes durante e após

mas menina o meu gosto é sofisticado
e o doce apenas não me satisfaz
mas sei que há em ti um pedacinho
consagrado
que molhado é salgado é me apraz
e o meu paladar esse olor este sabor
este calor deseja e quer ter sempre mais

doce menina por favor não leve a mal
menina doce eu quero sentir teu sal

diazepam

Felipe Bittencourt e Cayo Cruz

saí de manhã cedo pus meus óculos azuis
acendi um cigarro saquei um blues
assobiei pelas ruas estava aflito

talvez me faltasse uma contradição
ou uma ternura pra acalmar meu coração
uma voz amiga dizendo cuidado

parei na esquina numa encruzilhada
um homem parou de camisa listrada
e disse muito prazer eu sou o diabo

eu perguntava o que ele queria
mas o infeliz só respondia
deixa de onda moleque me dá um cigarro

eu gritava ninguém ouvia
o doutor falava é esquizofrenia
toma um diazepam e fica ligado

na porta da igreja sem entender
chamaram a polícia pra me prender (por quê?)
o padre apontava pra mim… ele é o diabo

eu não tô entendo nada!

jaguar

Isaac Souza

linda perfumada e ardilosa
ela é da resistência e toca ukelelê
48 kg de mistério
entre os seios marca rósea
de fogo fúria e poder

o bairro para quando ela passa
solidões todas se atiçam poesia faz amor
jaguar azul de um outro hemisfério
segue o rastro da tua caça
nas minhas asas de condor

e galga, galga as montanhas veloz

a minha retina se dilata
quando cruza os olhos dela espelhos de perdição
dragão e bailarina numa valsa
rodopios escarlata
na agonia da paixão

sobre antigos livros de magia
escorrem os seus cabelos somos deuses e animais
um olho sem pupila nos traspassa
o beijo dela me alivia
e disse o corvo nunca mais

porque ela galga, galga as montanhas veloz

teu amor

Isaac Souza

teu amor é um céu em chamas
tão sublime que faz temer
é como ter ante mim a face de deus
teu amor é um dom que é meu

teu amor é o som da noite
melodia de adormecer
é uma estrela que dança e conta histórias
teu amor é um sonho meu

teu amor é o rio perene
da poesia que lava o meu ser
teu amor é o caminho, o viajante e o destino
e o meu amor é só você

jardim de ossos

Isaac Souza

aqui onde tá essa pedra
aqui onde tá esse pau
aqui onde tá essa mancha de sangue
ressecada na terra

aqui onde tá esse céu
aqui onde tá esse sol
aqui onde tão esses corpos
esquecidos da história

Aqui onde os sonhos se fizeram em guerra
Onde os fanaxmas falaram pra mim
A bala do canhão levou toda esperança ao fim

aqui onde a força se fez de justiça
onde os ossos se fizeram de jardim
é o morro do alecrim

Os guerrilheiros do elemento fluido

O RELÓGIO MARCA EXATAMENTE zero hora. Estamos entrando numa sexta-feira, quatro de maio de dois mil e dezoito. Não tenho ideia de quanto tempo esse não-livro demorou para chegar até você. Mas pensar nisso me estimula.

Nós, animais miseráveis, conscientes do nosso fado, temos sempre diante de nós a morte. E não é difícil que essa consciência nos apavore – tempo-terror, tempo-devorador dos próprios filhos, titã de Goya de mãos e dentes.

Mas não seria possível perceber o tempo de uma forma alegre?

Ora! Quando eu era menino e fazia coisas de menino, eu ia à igreja e ouvia os sermões. (Minhas histórias preferidas eram as do AT. Não tem J. R. R. Tolkien que escreva aventuras melhores que aquelas). E na igreja eu ouvi muitas vezes que no céu não há nem morte nem dor, porque la não existe tempo – o tempo terá atingido sua própria catarse e tudo que restará será a eternidade, imóvel, imutável, a imortalidade estática do próprio deus derramada no paraíso e distribuída igualmente, infinitamente, pelas almas dos eleitos.

E nesse cenário estupendo haverá um coro de anjos cantando eternamente glória e aleluia, digno é o senhor dos exércitos.

Eu demorei muitos para perceber a falha dessa narrativa.

Não! Eu não estou falando em negar a existência de deus, de céus, de anjos, das almas nem de nenhum desses conceitos fundamentais da religião. Estou falando de música.

Num cenário onde o tempo não passa, a música seria impossível.

É preciso pulso e para haver pulso é preciso duração – sem duração não há compasso, não há ritmo, não há melodia. A nota que vem soando desde nunca deve soar imóvel e inerte para sempre. Na eternidade, o som não pode acontecer e por isso mesmo o silêncio também não.

Sendo assim, a música só existe porque morremos e sem ela nem mesmo a morte faz sentido

Então, agora mesmo neste início de madrugada, neste arbitrário limiar que separa os as datas, nesta sensação de que estou vivendo um dia quando o calendário me informa que o próximo já chegou, sinto-me de alguma forma burlando o tempo sem suprimi-lo e passando invisível por ele como um gato.

Na música popular, chamamos isso de *swing*.

De certa forma toda arte é uma forma de burla do tempo, toda arte é um rebolado, uma síncope. Não a burla- fuga, não a evasão. Mas o drible, a esquiva do boxeador – a dança no fogo, a burla-estética, a burla-jogo.

Eu seguro o meu violão e executo uma melodia barroca de trezentos anos e em algum lugar do devir das minhas palavras você é arremessado – arremessada! – para o meu colo por estas palavras que atravessam o tempo.

Onde mais você esteve, criança? Na madrugada do meu aniversário de 34 anos quando escrevi "Uma vez"? No carnaval de clube da memória amarela que Felipe guarda no verde dos seus olhos e na canção "Fevereiro"? O tempo ancestral do velho pajé de olhos de outono que só existe porque eu o inventei?

Nós, os navegadores do rio, os índios do corso, os guerrilheiros do elemento fluido. Passa da meia-noite e o tempo pesa nos meus olhos e costas.

Não tenho ideia de o quanto demorou para este não-livro chegar suas mãos. Mas se isso faz parte

da sua realidade, siga a nossa banda no streaming e nas redes sociais.

Ainda uma vez, eu

TIME CASINOQUEBEC

Isaac Souza
Felipe Bittencourt
Daniel Souza
Ary Klerbert
Jaqueline Mesquita

ACESSE

Site Oficial
Facebook
Instagram
Twitter
Youtube
SoundCloud
Streaming

Todos os esquerdos reservados @casinoquebec